Dia 1 — Santa Eudócia, Penitente e Mártir

Por volta do princípio do segundo século, sendo imperador Trajano, veio fixar sua habitação em Heliópolis uma famosa cortesã chamada Eudócia, originária de Samaria, que sem dúvida se afastou de sua pátria unicamente para viver com maior liberdade em sua desordenada vida.

Era tida pela maior formosura de seu tempo. Dava novo lustre à sua beleza a elegância com que se adornava; seu entendimento era vivo, claro e brilhante; seu gênio, alegre, festivo, desembaraçado; seu ar, naturalmente despreocupado e garboso; seus olhos introduziam docemente o veneno até o coração; poucos havia que deixassem de cair no artificioso e lisonjeiro laço de suas redes.

Nenhuma dama cortesã fez jamais tanto ruído; e talvez nenhuma fez jamais tanto dano. Faziam-lhe a [^1]

[…] chamado Germano, que se voltava […] por Heliópolis, e foi hospedar-se […] em casa de um cristão conhecido seu, que vivia […] perto da casa de Eudócia. Depois de ter dormido […] duas ou três horas, levantou-se à meia-noite e […] pôs-se a cantar salmos, segundo tinha por costume; depois do que se pôs a ler num livro espiritual que para este fim trazia sempre consigo; e lia de propósito em voz alta para que o sono não o vencesse, sendo a matéria da leitura as terríveis penas que hão de padecer os condenados no inferno, enquanto os bem-aventurados gozarão das eternas delícias da glória.

O quarto onde estava aposentado o santo religioso não estava separado do dormitório de Eudócia senão por um frágil tabique, de sorte que, despertada esta pelo ruído de seu canto, teve curiosidade de ouvir o que se estava lendo e ficou espantada do que ouvia.

Apenas amanheceu, enviou um recado ao estrangeiro, suplicando-lhe que passasse a vê-la. Perguntou-lhe logo por sua religião, por seu estado, pelo motivo de sua viagem, e depois lhe rogou que se desse ao trabalho de explicar-lhe o que lhe havia ouvido ler aquela noite. O bom monge, que estava ele mesmo intimamente penetrado daquelas espantosas verdades, fez-lhe uma vivíssima pintura delas; de sorte que, não podendo Eudócia dissimular mais seu assombro nem reprimir seu pranto, deu um lastimoso grito e exclamou, dizendo: «Pois, padre, segundo isto, eu serei condenada.»

Aproveitando-se o servo de Deus daquelas felizes disposições, disse-lhe: «Agora haveis de dar-me licença, senhora, para que também eu vos pergunte quem sois e que religião professais.» «Eu — respondeu Eudócia — sou de Samaria e da seita dos samaritanos; ou, por melhor dizer, nenhuma religião professo; e por isso mesmo me entreguei cegamente a toda sorte de dissoluções: vede

agora se será possível que eu evite esses suplícios eternos!»

«E muito possível, senhora — replicou o prudente Germano —, contanto que vos queirais converter de verdade e fazer penitência de vossas culpas; porque Jesus Cristo, nosso Salvador, a nenhum pecador verdadeiramente arrependido e penitente exclui de sua misericórdia.» «Pois dize-me, rogo-te — tornou a aflita Eudócia —, que devo fazer para consegui-la?» «Deixar de pecar — respondeu o servo de Deus — e chamar sem demora algum sacerdote dos cristãos para que vos instrua na fé e vos administre o santo batismo, sem o qual não há salvação.»

Chamou logo Eudócia a um de seus criados e mandou-lhe que fosse imediatamente buscar o sacerdote dos cristãos e o trouxesse consigo sem lhe dizer quem o chamava, advertindo-lhe somente que a necessidade era urgente. Veio o sacerdote; mas ficou turbado e como mudo quando se viu na casa e na presença de Eudócia. Conheceu-o ela e, desfazendo-se em lágrimas, lançou-se a seus pés, conjurando-o, por amor do Salvador de todos os homens, que não a desamparasse. «Bem sei — disse — que sou a maior pecadora que os séculos conheceram; mas também sei, porque assim me disseram, que a misericórdia de teu Deus é infinitamente maior que meus pecados. Quero ser cristã, quero receber de tua mão o santo batismo; dá-mo e dá-me juntamente com ele a regra de vida que quiseres, que eu prometo guardá-la.»

Admirado o sacerdote, e rendendo mil louvores ao Autor daquela assombrosa conversão, cuja história lhe havia referido o monge Germano, aconselhou a Eudócia que, despindo-se de toda aquela profanidade, galas e joias preciosas, se vestisse modestamente e, retirada num quarto por espaço de sete dias, os passasse em jejum e oração sem ver pessoa alguma. Executou-o à letra; e, passado este tempo, foi vê-la o santo monge, a quem ela mesma havia suplicado que se detivesse; mas achou-a tão desfigurada, tão pálida e tão extenuada que apenas a conheceu. Logo que a santa o descobriu a alguma distância, levantando a voz disse-lhe: «Dai, padre meu, muitas graças ao Senhor pelas misericórdias que sua piedade usou com esta indigna pecadora. Passei os seis primeiros dias de meu retiro a chorar minhas enormes culpas e a cumprir com a maior exatidão todos os exercícios devotos que me prescrevestes. No dia sétimo, estando prostrada em terra, o semblante contra o pó, achei-me de repente cercada de uma grande luz que me ofuscava. Ao mesmo tempo vi no meio dela um jovem garboso vestido de branco, que com semblante majestoso e severo me tomou pela mão e me arrebatou pelos ares até o céu, onde me pareceu que via uma inumerável multidão de pessoas vestidas do mesmo traje e cor, que, mostrando grande alegria de ver-me, se congratulavam reciprocamente e me davam mil parabéns de que algum dia eu havia de ser participante com elas da mesma glória. Enquanto estava com esta doce visão, toda atenta, reparei num espantoso monstro que com horríveis uivos se queixava a Deus de que lhe tirassem uma presa que por tantos títulos possuía como sua; mas uma voz do céu pô-lo em precipitada fuga, dizendo que Deus se comprazia em ter misericórdia dos pecadores arrependidos. A mesma voz me alentou com a esperança de alcançar uma especial proteção todo o resto de minha vida, ordenando a meu condutor, que entendi ser o arcanjo São Miguel, que me restituísse ao lugar onde me acho. Agora, padre meu, a ti toca ordenar-me o que devo executar para corresponder a tão grandes benefícios.»

O bem-aventurado Germano, admirando as misericórdias do Senhor, deu a Eudócia as saudáveis instruções que lhe pareceram necessárias; ordenou-lhe que recebesse quanto antes o santo

batismo e, despedindo-se dela, disse-lhe: «Espero, filha minha, que logo voltarei a ver-te para dizer-te aquilo a que o Senhor te destina.» Custou a Eudócia muitas lágrimas a partida do servo de Deus; mas nem por isso se arrefeceu um ponto seu fervor.

Já havia chegado à notícia do bispo Teodoro a mudança da cortesã e estava esperando com impaciência provas mais seguras da sinceridade de sua conversão, quando lhe deram recado de que Eudócia, em traje de penitente, lhe pedia audiência. Logo que entrou à presença do santo prelado, lançou-se a seus pés e, desfazendo-se em lágrimas, pediu-lhe que não lhe adiasse o batismo. Vendo-a o bispo tão santamente disposta e achando-a suficientemente instruída, concedeu-lhe com singular consolo e gosto o que desejava.

Vendo-se já cristã, chamou Eudócia a todos os seus escravos e, dando-lhes liberdade, exortou-os a seguir seu exemplo; em seguida, despedindo os demais criados, depois de lhes ter feito grandes liberalidades, cedeu seus imensos bens aos pobres e suplicou ao bispo Teodoro que tomasse a seu cargo o cuidado de distribuí-los.

Ficou assombrado o bispo à vista de uma resolução tão generosa e tão cristã; mas ainda ficou mais atônito quando viu a espantosa quantidade de bens de raiz, de posses, de móveis preciosos, de riquíssimas joias que sacrificava ao Senhor a nova penitente.

Desde aquele ponto foi sua vida modelo das mais heroicas virtudes. Entregou-se sem reserva às mais rigorosas penitências; seu jejum era estreitíssimo e contínuo; conservou sempre o traje dos neófitos e não voltou a aparecer em público senão na igreja e ao pé dos altares.

Voltou a Heliópolis o monge Germano, como havia prometido, e achou sua filha Eudócia elevada a um grau de perfeição muito superior ao que tinha quando se havia separado dela. Propôs-lhe que seria conveniente ir encerrar-se em algum lugar solitário para passar em penitência e em retiro o resto de seus dias. Abraçou imediatamente este partido e, desde então, foi uma perpétua série de oração e de rigores a vida de nossa heroína.

Necessariamente havia de irritar todo o inferno uma conversão tão notável e uma virtude tão extraordinária. Os que haviam amado torpemente a Eudócia pecadora não podiam tolerar a Eudócia arrependida. Certo jovem, mais dissoluto e mais ousado que os outros, determinou tirá-la do retiro, ou com manha ou com violência. Vestiu-se de monge, procurou Germano e, prostrando-se a seus pés, suplicou-lhe que quisesse admiti-lo por seu discípulo e companheiro naquela solidão. Edificou-se o bom Germano ao ouvir a pretensão do enganoso jovem; mas representou-lhe que era muito moço e muito delicado para levar o rigor daquela vida. «Eu o confesso — replicou o falaz mancebo —; mas, à vista do que acaba de fazer Eudócia, ontem cortesã e hoje penitente, seria vergonha minha não poder fazer outro tanto. Permite-me somente que eu a veja e que possa falar-lhe duas palavras; porque espero que as suas me inspirarão tanto fervor e tanto alento que nenhuma penitência, nenhum rigor se me apresente impossível.» Creu-lhe Germano e deu providência para que visse a Eudócia. Esta, que se achava já prevenida pelo Senhor do lance que a esperava, apenas viu em sua presença o jovem disfarçado, sem deixá-lo acabar o insolente discurso que havia começado, falou-lhe em tom tão espantoso e tão vivo que o viu cair morto a seus pés. Pediram à santa, em nome de Deus, que se compadecesse daquela alma infeliz; fez oração e, com novo milagre, restituiu-lhe a vida, mandando-lhe que logo fosse fazer penitência.

Não desistiu o demônio de seu intento; vendo desvanecido o primeiro artifício, lançou mão de outro. Deram a entender a Aureliano, governador da província, que, ao converter-se Eudócia à religião cristã, havia levado consigo a seu retiro tesouros infinitos e que a honra do próprio governador e o bem público estavam interessados em recolher aquelas imensas riquezas.

Despachou Aureliano um oficial com trezentos soldados, com ordem de que se apoderassem de tudo. Revelou Deus à santa o que se passava, assegurando-lhe que ele cuidaria dela e de sua casa. Com efeito, uma mão invisível deteve os soldados, até que um espantoso dragão os devorou a todos, menos a três que foram levar a notícia. Irritado o filho do governador, partiu com maior número de tropas, mas na mesma tarde morreu de um coice que lhe deu um cavalo. Quando o governador viu entrar pelas portas de sua casa o cadáver de seu filho, arrebatado de cólera, de sentimento e de furor, quis ir em pessoa despedaçar a Eudócia com sua própria mão; mas um cavaleiro chamado Filóstrato deteve-o e aconselhou-o que antes implorasse as poderosas orações de Eudócia. Seguiu Aureliano o conselho e escreveu-lhe uma carta, suplicando-lhe que restituísse a vida a seu filho. Respondeu-lhe logo a santa e, em lugar de selo, assinalou sua carta com três cruzes. Impaciente, o governador saiu ao caminho ao próprio que havia despachado, fazendo trazer o cadáver de seu filho. Apenas pôs sobre ele a resposta da santa, naquele mesmo instante ressuscitou. A milagre tão evidente havia de seguir-se o efeito que correspondia: converteu-se logo à fé Aureliano com toda a sua família e, pouco depois, morreu santamente.

Enfim, tendo voltado a acender-se a perseguição contra os cristãos no tempo do imperador Trajano, encontrou nela Eudócia a coroa do martírio por que suspirava. Sabedor o sucessor de Aureliano, chamado Vicente, das maravilhas que operava nossa santa, pareceu-lhe conveniente desfazer-se dela sem ruído, temendo alguma sublevação popular; e assim a mandou degolar em segredo. Sucedeu seu martírio no dia primeiro de março do ano 114 de nosso Senhor Jesus Cristo, cuja graça triunfou tão gloriosamente em nossa ditosa mártir.

Missa (oração)

A missa é da dominica precedente, e a oração da missa é a que se segue.

> **Latim:** *Deus, qui inter cetera potentiæ tuæ miracula, etiam in sexu fragili victoriam martyrii contulisti: concede propitius; ut qui beatæ Eudociæ martyris tuæ natalitia colimus, per ejus ad te exempla gradiamur: Per Dominum nostrum.*

Português: Ó Deus, que entre as demais maravilhas de vosso poder concedestes a vitória do martírio, nos tormentos, até ao sexo mais frágil, dai-nos a graça de que, seguindo o exemplo de vossa mártir Santa Eudócia, cuja festa celebramos, possamos caminhar até vós. Por nosso Senhor...

Epístola

A epístola é do apóstolo São Paulo aos Filipenses, capítulo 4.

Filipenses 4,7-9

> **Latim:** 7 Et pax Dei, quæ exuperat omnem sensum, custodiat corda vestra, et intelligentias vestras in Christo Jesu. 8 De cetero fratres, quæcumque sunt vera, quæcumque pudica, quæcumque justa, quæcumque sancta, quæcumque amabilia, quæcumque bonæ famæ, siqua virtus, siqua laus disciplinæ, hæc cogitate. 9 Quæ et didicistis, et accepistis, et audistis, et vidistis in me, hæc agite : et Deus pacis erit vobiscum.

Português: 7 E a paz de Deos, que sobrepuja todo o entendimento, guarde os vossos corações, e os vossos sentimentos em Jesu Christo. 8 Quanto ao mais, irmãos, tudo o que he verdadeiro, tudo o que he honesto, tudo o que he justo, tudo o que he santo, tudo o que he amável, tudo o que he de boa fama, se ha alguma virtude, se ha algum louvor de costumes, isto seja o que occupe os vossos pensamentos. 9 O que não só aprendestes, mas recebestes, e ouvistestes, e vistestes em mim, isso tambem praticai : e o Deos da paz será comvosco.

Nota

«Estando preso em Roma, e tendo recebido as esmolas que lhe enviavam os fiéis de Filipos, cidade da Macedônia, por mão de seu bispo Epafrodito, escreveu-lhes São Paulo esta admirável carta, que está cheia de ternura, de agradecimento e de testemunhos do ardente zelo que o abrasava por sua eterna salvação. Depois de lhes dar diferentes regras para conservar-se na inocência, exorta-os a que fujam de toda sorte de disputa e de tudo o que tenha ar ou soe a espírito de parcialidade.» [^2]

Reflexões

A paz de Deus é a paz que o mesmo Deus nos concede, é a paz de uma boa consciência, a qual só está contente quando Deus o está dela; é a paz que gozam as almas puras na terra e a herança dos bem-aventurados no céu. Quem pode compreender as indizíveis doçuras deste dom do Espírito Santo? É a paz do coração; e por isso só o coração pode fazer conceito cabal de sua delícia. *Gustate et videte*: provai e vede.

Toda esta ciência, digamo-lo assim, consiste no gosto. A falsa paz do mundo só se acha na boca do ímpio; não chega nem pode chegar ao coração: *Pax, pax, et non erat pax* [^3]. E como poderia encontrar-se esta divina paz numa alma onde tudo é turbação, tudo desordem; onde reina a sedição dos sentidos e das paixões? Acumula embora tesouros sobre tesouros; sê o ídolo dos lisonjeiros e dos cortesãos; embriaga-te de prazeres e de próspera fortuna; nem por isso poderá teu coração lograr um só momento de paz plena e pura. Acha-se, sim, um como que adormecido, aturdido, como ébrio; e está a alma como atordoada no meio do tumulto. Breves e vãs temporadas de sonolência: a vós se reduz toda a paz de que tanto se prezam os dissolutos e os ímpios. Quando alcançarão estes infelizes algum intervalo de religião e de entendimento para conhecer sua desgraça e para descobrir seus descaminhos?

Que tranquilidade mais deliciosa, que prazer mais pleno, mais requintado, que mais doce calma, meu Deus, que a que goza em vosso serviço uma consciência pura, uma alma santa! Que insípida, que desenxabida parece qualquer outra doçura a quem uma vez provou esta doçura interior! Quão eficazmente se perde o gosto de qualquer outro prazer! Quão oportuna, quão eficaz é para conservar o coração na inocência! Ela o defende facilmente de toda surpresa; somente os corações bisonhos, os pouco experimentados, se deixam deslumbrar, se deixam enganar pelas falsas promessas do mundo. Quem provou uma vez as delícias desta paz, *quæ exuperat omnem sensum*, superior a quanto se pode dizer ou mesmo pensar, pouco se preocupa com todos esses vãos resplendores.

Que formoso e que cabal retrato faz São Paulo de uma alma verdadeiramente cristã! Seria muito conveniente que o tivéssemos sempre à vista para copiá-lo. Não há que buscar a verdade fora da religião cristã; falando com propriedade, só se acha na Igreja; fora dela tudo é erro, tudo ilusão: *Quæcumque sunt vera, quæcumque pudica, quæcumque justa, quæcumque sancta, hæc cogitate*. A pureza de costumes, a santidade, a justiça são o caráter da religião verdadeira; onde não há isto, tudo é simulação, tudo dissolução disfarçada, tudo má-fé, tudo hipocrisia. Pode-se ter bastante engenho para arremedar o verdadeiro cristão: é uma comédia estudada que se dá ao público; mas, se o coração o desmente, esse devoto presumido o é quando muito enquanto dura a cena. Não há coisa mais desprezível nem coisa mais ímpia que a ficção e o arremedo em matéria de religião.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 5 de São João.

João 5,21-23

> **Latim:** 21 Sicut enim Pater suscitat mortuos, et vivificat, sic et Filius, quos vult, vivificat. 22 Neque enim Pater judicat quemquam : sed omne judicium dedit Filio, 23 ut omnes honorificent Filium, sicut honorificant Patrem ; qui non honorificat Filium, non honorificat Patrem, qui misit illum.

Português: [21] Porque assim como o Pai ressuscita os mortos, e lhes dá vida: assim tambem dá o Filho vida áquelles, que quer. [22] Porque o Pai a ninguem julga: mas todo o juizo deo ao Filho, [23] a fim de que todos honrem ao Filho, bem como honrão ao Pai: o que não honra ao Filho, não honra ao Pai, que o enviou.

Meditação

Do que sentirão os justos e os pecadores no dia do juízo

Primeiro ponto

Considera qual será a diferença de afetos entre os justos e os pecadores no terrível dia do juízo final; que ideias, que paixões, que pensamentos tão distintos!

Quando ressoar a espantosa voz da trombeta que convocará os mortos para que compareçam ante o tribunal de Deus, uns se darão pressa em levantar-se dos sepulcros para sair ao encontro de seus libertadores; outros gritarão aos montes que, desmoronando-se, os sepultem para livrá-los da terrível vista de seu juiz. Bom Deus! Que movimentos de amor, de gozo e de consolo nos primeiros! Que confusão, que ódio, que desesperação nos segundos! De qual destas duas classes me tocará ser naquele terrível dia?

Que honra, que alegria a dos bons ao verem-se separados da multidão e colocados à destra de seu amante Redentor! Que complacência terão então de havê-lo amado, de havê-lo servido, de haver obedecido a seus preceitos e seguido seus conselhos! Mas que vergonha, que raiva, que furor será o dos que se acham entre o montão dos réprobos à mão sinistra do juiz! Que dor, que despeito de o haverem menosprezado, de o haverem maltratado tanto em vida! Que íntimo, que profundo sentimento de o haverem tão gravemente ofendido!

Em que paradeiro, em que lugar daquele congresso universal dos anjos e dos homens se deixarão ver os grandes do mundo que foram pouco cristãos; aqueles dissolutos que faziam chacota das verdades mais terríveis da religião; aquelas mulheres mundanas criadas na delicadeza e no regalo; aqueles pretensos ditosos do mundo que se verão confundidos com as fezes de todo o gênero humano, destinados com o resto dos facínoras a arder nas eternas chamas? Que pensarão então? E que pensarei eu mesmo? Estarão à destra de Jesus Cristo todos os que houverem feito esta meditação? Poderão todos gloriar-se de haver abraçado a tempo o bom partido, de haver sido tão cordatos, tão prudentes que não caíram no laço? Quantos haverá talvez que, desesperados, rabiarão por não haver tirado fruto destas reflexões e não se haverem aproveitado da graça! E não serei eu porventura deste número?

Que, dulcíssimo Jesus meu, nunca hei de ver-vos senão para temer-vos e aborrecer-vos! Nunca hei de ver-vos glorioso senão para sentir e chorar a infelicidade de minha eterna sorte! Oh, única esperança minha! No dia da tribulação não sejais para mim objeto de terror!

Segundo ponto

Considera o efeito que produzirá no coração dos justos e dos réprobos a sentença definitiva de sua eterna sorte.

Vinde, benditos de meu Pai, a possuir o reino que vos está preparado desde a criação do mundo. Que sentença tão cheia de consolos! Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno que está preparado para o demônio e para seus anjos. Que terrível, que formidável sentença! Compreende bem todo o seu rigor. Se o fogo eterno estava preparado para o demônio e para seus anjos, logo não estava disposto para mim; logo eu o mereci por pura malícia minha; logo minha condenação é obra de minhas mãos. Que pesar mais cruel!

Com que olhos olharão os bem-aventurados aos réprobos que em outros tempos se viam tão estimados, tão opulentos, tão orgulhosos de sua sorte, tão embriagados com sua sonhada fortuna? Vede-os aí que já são o opróbrio de todo o universo e tristes vítimas do furor de um Deus irado.

Com que olhos olharão os desditosos réprobos aos escolhidos, em outro tempo tão pobres, tão vis, tão menosprezados, passando os dias no pranto e na obscuridade, e feitos agora os felizes moradores da corte celestial, príncipes do reino dos céus, herdeiros do próprio Deus e de sua eterna felicidade? Bom Deus, que mudança de cena!

Vinde, benditos de meu Pai, vós vos salvastes; apartai-vos, malditos, para o fogo eterno, vós vos condenastes. É um Deus o que fala, e são homens aqueles a quem se pronunciam estas sentenças; qual das duas será para mim? Consultemos nossos costumes e nossa conduta.

Ah, e com quanta razão, mas que tarde, exclamarão os réprobos ao ver que se elevam os predestinados para o céu: *Nos insensati!* Insensatos de nós, que tivemos sua vida por loucura e sua morte por afrontosa; e, contudo, agora eles são elevados à dignidade de filhos de Deus, e é sua herança morar entre os santos! *Ergo erravimus a via veritatis*: logo nós andamos errados e apartados do caminho da verdade. Mas será então tempo de conhecê-lo? Que coisa tão horrível é não conhecer, não confessar o descaminho até ver-se já no precipício! Com tempo se lhes havia prevenido, mas não o quiseram crer até que se viram já despenhados. Que sentimento! Que raiva!

Mas, doce Jesus meu, vós não me remistes para perder-me; pois não permitais que me suceda tal desdita. Ainda posso, com o socorro de vossa graça, prevenir esta triste confissão e estes funestos sentimentos. Resolvido estou, Senhor, a dedicar-me a isso desde esta mesma hora. Que dor, que desesperação, que raiva, meu Deus, seria a minha, se estas reflexões servissem somente para fazer-me mais culpado!

Jaculatórias

> *Peccator videbit, et irascetur: dentibus suis fremet et tabescet.* Sl 111.

Verá o pecador a glória do justo e se consumirá de dor; bramirá de raiva e se secará de desesperação.

> *Intelligite hæc qui obliviscimini Deum.* Sl 49.

Vós, os que tendes a Deus tão esquecido, compreendei bem o que vos espera no tremendo dia de seu juízo.

Propósitos

1. Se nos julgássemos a nós mesmos, diz o apóstolo, não seríamos depois julgados; mas, ao mesmo tempo que desta maneira nos julgamos, castiga-nos Deus aqui para não nos condenar depois com este mundo. Não pode ser mais amorosa nem mais fácil a condição: dá-se-nos a escolher, ou julgar-nos nós a nós mesmos sem piedade, dignando-se Deus de deferir a nosso juízo; ou ser julgados depois pelo supremo Juiz com todo o rigor da lei e sem misericórdia. É indispensável comparecer ante um dos tribunais; vê tu em qual dos dois queres que seja julgada e sentenciada tua causa. Mas quem o creria! A maior parte dos homens se recusam a si mesmos.

2. Será virtude, será modéstia, ou será excesso de confiança na divina misericórdia preferir o juízo de Deus ao juízo próprio? Nada menos; nenhuma coisa se teme tanto como tê-lo por juiz. É porque não se quer tomar o trabalho de julgar-se a si mesmo em vida; é porque se desprezam as devoções mais fáceis, os atos de religião mais ordinários; é porque se olha o exame de consciência como coisa de noviços. Não faças tu assim; olha e aprecia todos estes meios como muito oportunos e seguros para chegar a ser perfeito. Há muitos exames de consciência, todos utilíssimos; nenhum deles desprezes. Considera-os como outros tantos juízos em que Deus permite que a um tempo sejas parte e juiz em tua própria causa; vê se não tens obrigação de entrar neles de boa-fé e de não te deixares levar de uma nímia indulgência. O exame para a confissão deve ser exato, severo, preciso; a memória de cada pecado deve ir acompanhada de novo pesar e de novo arrependimento. Não te contentes com aqueles exames secos e descarnados que, falando com propriedade, não são exames, mas meros cálculos. Faz que em teu exame tenha tanta parte o coração contrito como a memória; pensa-se nos pecados sem pensar em aborrecê-los. É defeito ordinário em muitos, que deves evitar tu cuidadosamente.

3. À proporção do tempo que passa de uma confissão a outra deve ser o que se gasta no exame. Fazem-se exames muito breves para confissões que é necessário sejam muito longas; e também se costumam fazer exames muito prolixos, mas muito inúteis, já por falta de sinceridade, já por sobra de negligência. Se queres evitar estes defeitos, examina-te como se te julgasses. Mas julga-

te com todo o rigor, se não queres que tua consciência apele a outro tribunal onde serás julgado sem misericórdia. Guarda-te muito de deixar à penetração e ao zelo do confessor o conhecimento e a indagação dos fatos e das circunstâncias. Antes bem, há casos em que é muito conveniente prevenir o juízo do confessor, como em restituições, inimizades, pecados de costume e ocasiões próximas. Nestas matérias, antes de pores-te aos pés do confessor, deverias cumprir com tua obrigação; de maneira que, quando fosses confessar-te, pudesses dizer: Padre, já dei princípio a restituir o mal ganho; já busquei e falei à pessoa que eu tinha tão ofendida; há tantos dias que me abstive deste pecado a que me arrastava o costume; já se rompeu aquela má amizade; já estou afastado do perigo, já se tirou a ocasião, ou ao menos já não é próxima. Quando uma pessoa se confessa com tão santas disposições, seu exame é um verdadeiro juízo; o confessor a absolve sem deter-se, e Deus confirma sempre a sentença. É bom fazer o exame na véspera da confissão e não esperar estar ao pé do tribunal para instruir o processo.

São Rosendo, Bispo de Dumio, Confessor

São Rosendo, tão célebre em nossa Espanha por sua santidade e milagres, nasceu em Valdesalas, povoado da Galícia, nos confins de Portugal. Foi seu pai o conde Gutierre Menéndez, e sua mãe se chamou Ilduara, ambos dos principais senhores daquele reino. Em muitos anos de matrimônio não alcançaram fruto de bênção, ainda que o desejaram vivamente e o pediam a Deus com fervorosas orações, porque, no instante em que recebiam o batismo alguns filhos que haviam tido, arrebatava-os a morte, dobrando seu tormento a frustrada esperança que em cada um haviam concebido.

Achava-se Gutierre em Coimbra por ordem do rei dom Afonso, o Grande, que o fizera general de suas tropas para que defendesse esta cidade contra os agarenos. Valeu-se Ilduara desta ausência de seu esposo para entregar-se com maior empenho a todos os exercícios de piedade, distribuindo copiosas esmolas aos pobres, jejuando com frequência, visitando as igrejas, multiplicando suas orações e pedindo a Deus com lágrimas um filho de bênção. Havia no alto de um monte, distante duas milhas de Valdesalas, uma igreja dedicada ao Salvador, aonde a piedosa Ilduara costumava ir descalça, sem comitiva e derramando muitas lágrimas, a ouvir os divinos ofícios. Um dia, pois, em que estava orando com maior fervor, prostrada diante do altar, sucedeu que, cansada do caminho, adormeceu. Apareceu-lhe um anjo do Senhor, que a consolou e lhe disse: «Regozija-te, Ilduara, porque te faço saber que tuas orações foram ouvidas de Deus: conceberás e darás à luz um filho que será muito estimado dos homens e de muito mérito para com Deus.»

Despertou Ilduara e, dando muitas graças ao Senhor por tão assinalado benefício, enviou logo a chamar seu esposo, o qual, certificado por Ilduara da verdade da revelação, alegrou-se sobremaneira e deu também ao Senhor rendidas graças. Concebeu Ilduara a poucos dias e deu à luz em 26 de novembro do ano de 907 o nosso São Rosendo. Celebraram os pais o nascimento de tão desejado filho distribuindo abundantes esmolas aos pobres e dando liberdade a seus escravos.

Iguais demonstrações de caridade repetiram todos os anos. E o próprio São Rosendo ordenou depois em seu testamento aos monges de Celanova que sempre celebrassem aquele dia com particulares esmolas aos pobres.

Em reconhecimento desta mercê começou também Ilduara a edificar a suas expensas, junto ao mesmo povoado em que vivia, uma igreja que dedicou a São Miguel e aos santos anjos. E, tendo concorrido os parentes e amigos dos pais ao batismo do menino Rosendo, quiseram todos que se batizasse na igreja do Salvador, onde sua mãe havia tido a revelação de seu nascimento. Não havia naquela igreja pia batismal, e foi preciso buscar uma grande fonte de pedra para levá-la à dita igreja. Puseram-na num carro, que se quebrou com tão grande peso; e, pensando os criados em dispor outro carro mais forte, viu-se com admiração de todos uma fonte batismal na nova igreja de São Miguel, e conheceu-se por este prodígio que era vontade de Deus que fosse batizado nela o santo menino, como se efetuou.

Tiveram pouco que fazer seus virtuosos pais para cultivar o ânimo de Rosendo. Descobriu desde a infância uma índole tão aprazível e mostrava-se tão afeiçoado à virtude que olhava com horror até os inocentes entretenimentos dos outros meninos. Já naquela idade era sua ocupação ordinária instruir-se na lei santa de Deus e meditá-la dia e noite. Desta sorte pôde fazer logo rápidos e admiráveis progressos nas letras humanas e divinas, em que se avantajou a todos os seus iguais, acrescentando novo lustre a seus estudos a madureza e gravidade que resplandeciam nele mesmo na idade juvenil. Sua conversação, doce e afável para com todos, ganhava as vontades de quantos o tratavam e dava ao mesmo tempo tanta eficácia e peso a suas razões que era procurado por árbitro em assuntos delicados e importantes. Mesmo nos anos em que outros jovens só pensam em diversões e exercícios próprios da idade, estendeu-se por toda a Espanha a fama das grandes virtudes de Rosendo, e em toda parte se falava com elogio de sua modéstia, de sua castidade, de sua misericórdia com os pobres, de sua liberalidade com os amigos, de sua sólida piedade e de sua caridade com todos.

Chegou a estar vacante, por esta ocasião, o bispado de Dumio, e o clero e o povo, de comum acordo, vendo que tinham naquele jovem um espelho de todas as virtudes, não se detiveram em elegê-lo por seu bispo, embora mal houvesse completado dezoito anos de idade; coisa de que se acham poucos exemplares na história da Igreja. Recusou com todas as suas forças o santo mancebo admitir uma dignidade de que ele mesmo se publicava indigno; e não o teriam rendido a isso as reiteradas instâncias que lhe faziam o clero e o povo, se não houvesse tido revelação de que era vontade de Deus que a aceitasse.

Esta nova dignidade, que poderia deslumbrar um homem menos cimentado na virtude, só serviu para tornar mais brilhantes as grandes prendas de Rosendo. Como uma grande tocha posta sobre o candelabro, espalhou suas luzes por toda a Igreja do Senhor. Julgou-se obrigado, pela nova dignidade, a ser o comum pai dos pobres e dos peregrinos e o refúgio e consolo dos órfãos e viúvas, julgando que não deviam ter outro destino as rendas de sua igreja. Pôs especial cuidado em ensinar e pregar continuamente a palavra de Deus a suas ovelhas e em corrigir e reformar os costumes de seu povo. Era infatigável seu zelo pelo maior culto e decência dos templos, dotando a uns, reparando outros e até construindo alguns novos. Mais com seu vivo exemplo que com suas doces e poderosas práticas, animava o clero para que cumprisse exatamente seu sagrado

ministério; de maneira que, vendo o povo a irrepreensível conduta de seu bispo e a santidade de seus pastores imediatos, concebia horror ao vício e se acendia mais no serviço de Deus.

Não olhava São Rosendo o bispado como um prêmio concedido a seus merecimentos, nem como um pretexto para descansar; antes bem, atendia a tudo por si mesmo e era o primeiro em tudo o que era penoso e laborioso. Mas, em meio ao ruído dos negócios do governo, suspirava de contínuo seu coração pela solidão e pelo retiro que tanto apetecia, para poder entregar-se de todo a seu Deus. Isto pedia ao Senhor com as maiores veras, até que, orando um dia, lhe foi revelado que edificasse um mosteiro, que é o que hoje se chama Celanova, no qual fizesse vida monástica com outros monges de vida exemplar e perfeita. Alegrou-se sobremaneira o santo bispo com esta revelação e passou ao sítio que Deus lhe havia manifestado para a fundação; e, achando-o amenísimo, delicioso e muito acomodado para seu intento, fez que logo se começasse a obra e teve a satisfação de vê-la inteiramente concluída no breve tempo de oito anos, com todas as oficinas correspondentes a uma comunidade numerosa.

Antes deste, já havia São Rosendo edificado, sendo bispo, outros vários mosteiros, aos quais costumava retirar-se de tempos em tempos para entregar-se, em companhia dos monges, aos exercícios espirituais; e, depois de haver fortalecido assim seu espírito, voltava com novo fervor a tomar as rédeas do governo de sua diocese. Com esta ocasião tivera motivo suficiente para tratar familiarmente a muitos monges virtuosos e perfeitos de vários mosteiros, dos quais escolheu os mais adiantados no caminho da perfeição para que viessem viver com ele no novo de Celanova. Chamou para abade dele o santo Franquila, que o era então do de Santo Estêvão. Era este um homem de conhecida virtude e muito exemplar, não menos por sua doutrina que por sua modéstia, e não é fácil explicar o quanto adiantou na virtude nosso São Rosendo com um mestre tão aventajado. Praticava com a maior alegria e gosto de sua alma os exercícios mais humildes do mosteiro, sem pretender dispensar-se em nada da vida comum dos demais, não obstante que era bispo. A caridade, a obediência, a humildade e a pobreza de Rosendo eram objeto de uma santa emulação até para os monges mais abstraídos e devotos.

Contentíssimo achava-se na solidão de sua cela e em companhia de seus amados monges, quando Deus, que o queria fazer mais glorioso entre os homens e mais útil a sua Igreja, dispôs que voltasse outra vez a empunhar não só o báculo episcopal, mas também o bastão militar na cidade de Compostela. Era então bispo desta cidade Sisnando, homem entregue ao jogo e a diversões vãs e impróprias de sua dignidade e caráter, e além disso inteiramente esquecido do cuidado de seu rebanho, por cuja causa era já aborrecido não só do rei, mas dos grandes e do povo, e especialmente dos próprios sacerdotes, que não podiam olhar com indiferença uma conduta semelhante em seu prelado.

O rei, depois de o haver corrigido várias vezes, mas sem fruto, mandou pô-lo numa cadeia; e, a petição do clero e de todo o povo, colocou naquela cadeira a São Rosendo. Opôs este muita resistência em aceitar o novo bispado; mas foram tantas e tão apertadas as instâncias e reconvenções que lhe fizeram, tanto o rei como seus grandes, que se viu obrigado a ceder, conhecendo que aquela seria a vontade de Deus. Governou aquele bispado com igual zelo e prudência que o de Dumio, mostrando-se em tudo afável e dulcíssimo para os bons, compassivo com os fracos e forte e animoso contra os dissolutos e perversos.

Teve necessidade o rei dom Sancho de ausentar-se da Galícia, e com este motivo invadiram aquele reino os normandos, executando mil estragos, ao passo que os mouros assolavam a parte de Portugal confinante com a Galícia. Sentia sobremaneira o santo pastor os inumeráveis danos que via padecer suas ovelhas e, clamando a Deus pelo remédio, confiando mais em sua infinita misericórdia que no pequeno exército que pôde juntar, e tendo sempre na boca aquele verso do salmo: Uns confiam em seus carros, outros em seus cavalos; mas nós havemos de invocar o nome do Senhor nosso Deus, saiu animoso ao encontro de uns e de outros. Favoreceu-o Deus tanto nesta empresa que expulsou da Galícia os normandos e rechaçou até muito longe os mouros, obrigando-os a conter-se somente em seus limites. Entrou logo triunfante em Compostela, e não é dizível o júbilo e a alegria com que foi recebido por todo aquele povo; mas, longe de envaidecer-se com tantos e tão merecidos elogios, exortava a todos a que dessem graças ao Senhor, cuja era a vitória, mais que às armas de seus poucos soldados.

Morreu pouco depois o rei dom Sancho; e, sabedor disso, o encarcerado Sisnando rompeu suas prisões, fugiu da cadeia e, na mesma noite da natividade de nosso Senhor Jesus Cristo, teve o atrevimento execrável de ir acometer São Rosendo, que descansava em seu pobre leito, em companhia dos cônegos, ameaçando-o de que lhe tiraria a vida com a espada nua que levava na mão se não deixasse o bispado e não saísse da cidade. Repreendeu-o São Rosendo por aquela temeridade com graves e sentidíssimas palavras e profetizou-lhe que dentro de pouco havia de morrer violentamente, como com efeito se verificou logo; pois, voltando à Galícia os normandos com seu rei Gunderico e causando mil estragos em toda ela, degolaram também o bispo Sisnando, muito perto da igreja mesma onde ele quisera matar São Rosendo. Saiu logo o venerável bispo da cidade e retirou-se ao mosteiro de São João de Cabero, que ele mesmo havia edificado num vale delicioso, não muito longe de Mondoñedo.

Esteve nele muito pouco tempo e depois passou a seu amado mosteiro de Celanova, onde não é dizível o consolo que experimentou sua alma vendo-se já livre do gravíssimo cargo do bispado e na apetecida e doce companhia de seus monges. Ainda vivia e governava o mosteiro o santo abade Franquila, de cujas mãos recebeu a cogula de São Bento, cuja santa regra professou; coisa bastante comum naquele tempo, pois achamos exemplares de outros muitos prelados que, renunciando ao mundo e depondo suas dignidades e prelazias, retiravam-se aos mosteiros e professavam a vida religiosa, desejosos de maior perfeição. Era Rosendo o primeiro nos exercícios de virtude e de penitência e, persuadido de que Deus lhe havia inspirado que edificasse aquele mosteiro para que todos os que vivessem nele se livrassem dos laços do demônio, por isso desejava e procurava com as maiores veras que todos chegassem ao cume da perfeição evangélica. Animava-os com seu exemplo e com suas santas exortações. Sempre se via que estava ou rezando, ou cantando salmos, ou empregado em algum devoto exercício. Redobrou o rigor de suas vigílias, jejuns e penitências; e nem sua idade nem sua dignidade foram parte para que se dispensasse de coisa alguma da vida comum que todos faziam.

Profetizou sua próxima morte ao abade Franquila, tendo-lha manifestado o Senhor por meio de um prodígio, qual foi o ver entrar e sair de sua boca uma formosíssima pomba; do que avisou o abade para que se dispusesse a morrer, como com efeito se verificou depois de alguns dias. Morto Franquila e celebrado seu funeral, os monges não duvidaram em eleger por sucessor seu a São Rosendo, e este se portou com eles no novo emprego mais como pai amoroso, que só anseia pelo

maior bem de seus filhos, que como um homem que se vale de sua autoridade para fazer-se temer de seus súditos. Jamais se lhe ouviu uma palavra imperiosa, nem necessitou valer-se de sua autoridade para ser prontamente obedecido. Era tanta sua humildade e tão grande a doçura de suas palavras que por si sós bastavam para que os monges não pensassem senão em não desgostar a um prelado que se fazia tudo para todos. Estendeu-se tanto pela Espanha a fama do santo abade que muitos bispos, abades de outros mosteiros, nobres, plebeus e toda sorte de pessoas, deixando suas conveniências e suas rendas, vinham ao santo varão para que os dirigisse no caminho do Senhor e lhes desse saudáveis instruções; e até muitos mosteiros de religiosos e religiosas, tanto de Portugal como da Galícia, sujeitavam-se a ele para que os governasse, pela boa opinião que tinham de sua santidade e doutrina.

Passou a Portugal a visitar um destes mosteiros, do qual era abadessa Santa Senorina, parenta sua. Recebeu-o esta com muito amor; e, estando um dia os dois conversando sobre coisas do espírito, sucedeu que, vendo-os dois pedreiros que trabalhavam num telhado do mosteiro, fizeram mau juízo dos santos; mas logo se apoderou deles o demônio e os precipitou do telhado, de maneira que morreram feitos em pedaços miseravelmente. Acudiram alguns a ver aquela desgraça e, embora atônitos do que havia sucedido, tomaram os cadáveres e puseram-nos na igreja. Rogavam todos a Rosendo, e com especialidade Santa Senorina, que pedisse a Deus por eles; e, a instâncias suas, foi à igreja e fez oração a Deus, e logo pediu azeite bento, com o qual ungiu em forma de cruz os olhos e a boca dos defuntos e, com grande confiança na misericórdia do Senhor, disse-lhes em alta voz: «Em nome da santa Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo, levantai-vos sãos e livres do sono da morte.» E logo se levantaram sãos e livres, não só da morte, mas do demônio, e todos deram infinitas graças a Deus por tão estupenda maravilha como a que haviam presenciado.

Voltando a seu mosteiro e conhecendo por revelação que o Senhor o chamava para si, mandou convocar todos os monges e disse-lhes: «Já, irmãos meus, vou sair deste desterro e dos perigos do cárcere deste corpo miserável. Deixo-vos este mosteiro com suas rendas e herdades inteiramente livres, para que, como até aqui, vivais no santo serviço do Senhor. Mando-vos que sempre recebais nele, enquanto o permitirem suas faculdades, a quantos quiserem professar esta santa vida, sejam servos ou livres, nobres ou plebeus, e de qualquer nação que forem; porque não se agrada Deus da nobreza da linhagem, mas da contrição do coração e da perfeita obediência.» Agravou-se-lhe a enfermidade; e, tendo recebido com exemplaríssima devoção os santos sacramentos, vendo que choravam sua falta os monges e alguns bispos que se achavam presentes e lhe pediam que não os desamparasse, respondeu-lhes derramando ternas lágrimas: «Confiai, filhos e senhores meus, e colocai no Senhor vossa esperança, que não deve deixar-vos órfãos. Em primeiro lugar vos encomendo a Deus, meu Criador, e a meu Senhor Jesus Cristo, para o qual vos juntei aqui e por cujo amor edifiquei este mosteiro.

«Encomendo-vos também ao rei que for ungido na cidade de Leão, para que vos proteja e vos defenda; e nomeio-vos por abade a Mamilano, meu pai e também meu filho espiritual. Tende, pois, entendido que eu vos ajudarei sempre e protegerei este mosteiro e o defenderei dos malfeitores.» Dito isto, morreu no Senhor aos sessenta anos de idade, no ano de 977 do nascimento de nosso Senhor Jesus Cristo, quinta-feira, a primeiro de março. E na mesma hora viu Santa Senorina que os anjos levaram ao céu sua alma com hinos e cânticos de alegria. Sepultaram seu corpo junto à igreja de São Pedro, numa urna de pedra, e Deus glorificou seu sepulcro com contínuos milagres.

Fez-se tão célebre, tanto na Espanha como em Portugal, a fama deles que de todas as partes acudiam a visitar seu túmulo quantos se achavam oprimidos de alguma enfermidade ou dolência. Entre outros muitos veio com o mesmo fim a Celanova Jacinto, cardeal da santa Igreja romana e legado apostólico nestes reinos; e, informado muito por miúdo dos prodígios que o Senhor operava no sepulcro do santo bispo, e tendo sido testemunha ocular de muitos deles, dispôs que se trasladasse o venerável corpo a outro sepulcro mais precioso, que fez colocar sobre quatro colunas de mármore dentro de uma capela que dá para o claustro. E para que esta trasladação fosse mais plausível, depois de haver consultado com vários bispos que o acompanharam e feito um diligente exame da vida do santo prelado e dos prodígios que o Senhor por seus méritos operava com todos os que se encomendavam a ele, declarou-o bem-aventurado a petição e instância dos ditos bispos, dos grandes e de alguns abades e monges, e logo se executou solenemente a trasladação de suas relíquias com o maior júbilo e concurso de todos aqueles povos. E o mesmo cardeal Jacinto, que depois ocupou a cadeira de São Pedro com o nome de Celestino III, pô-lo no número dos santos.

Martirológio Romano

Em Roma, duzentos e sessenta mártires, que o imperador Cláudio condenou como cristãos, primeiro a cavar areia fora da porta Salária e depois a serem asseteados num anfiteatro.

Ali mesmo, os santos mártires Leão, Donato, Abundâncio, Nicéforo e outros nove.

Em Marselha, os santos Hermes e Adriano, mártires.

Em Heliópolis, Santa Eudócia, mártir, a qual, na perseguição de Trajano, tendo sido batizada e preparada para o combate pelo bispo Teodoro, foi degolada por ordem de Vicente, governador da província, e recebeu assim a coroa do martírio.

No mesmo dia, Santa Antonina, mártir, a qual, por haver zombado dos deuses dos gentios durante a perseguição de Diocleciano, depois de vários tormentos foi encerrada numa cuba e submergida na lagoa da cidade de Cea.

Em Verden, São Suitberto, bispo, que no tempo do papa Sérgio pregou o Evangelho aos frisões, holandeses e outros povos da Alemanha.

Em Angers, Santo Albino, bispo e confessor, varão de esclarecida virtude e santidade.

Em Mans, São Siviardo, abade.

Em Perúgia, a trasladação de São Herculano, bispo e mártir, que foi decapitado por ordem de Totila, rei dos godos. O papa São Gregório escreve que, quarenta dias depois de sua morte, foi achado seu corpo tão fresco e tão bem unido à cabeça como se o cutelo não o houvesse tocado.

Missa (oração)

A missa é em honra do santo, e a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Propitiare, quæsumus, Domine, nobis famulis tuis per sancti confessoris tui atque pontificis Rudesindi merita gloriosa: ut ejus pia intercessione ab omnibus semper protegamur adversis. Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

Português: Rogamos-vos, Senhor, que vos mostreis propício a nós, vossos servos, pelos gloriosos méritos de vosso confessor e pontífice Rosendo, para que por sua intercessão sejamos sempre protegidos em todas as adversidades. Por nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é dos capítulos 44 e 45 do Eclesiástico (o original diz “Sabedoria”).

> **Latim:** *Ecce sacerdos magnus, qui in diebus suis placuit Deo, et inventus est justus, et in tempore iracundiæ factus est reconciliatio. Non est inventus similis illi qui conservaret legem Excelsi. Ideo jurejurando fecit illum Dominus crescere in plebem suam. Benedictionem omnium gentium dedit illi, et testamentum suum confirmavit super caput ejus. Agnovit eum in benedictionibus suis: conservavit illi misericordiam suam, et invenit gratiam coram oculis Domini. Magnificavit eum in conspectu regum; et dedit illi coronam gloriæ. Statuit illi testamentum æternum, et dedit illi sacerdotium magnum, et beatificavit illum in gloria. Fungi sacerdotio, et habere laudem in nomine ipsius, et offerre illi incensum dignum, in odorem suavitatis.*

Português: Eis aqui um grande sacerdote que em seus dias agradou a Deus e foi achado justo, e no tempo da ira fez-se reconciliação. Não se achou semelhante a ele na observância da lei do Altíssimo. Por isso o Senhor, com juramento, fez que fosse célebre em seu povo. Deu-lhe a bênção de todas as nações e confirmou em sua cabeça o seu testamento. Reconheceu-o por suas bênçãos e conservou-lhe sua misericórdia, e achou graça aos olhos do Senhor. Engrandeceu-o na presença dos reis e deu-lhe a coroa da glória. Fez com ele uma aliança eterna e deu-lhe o sumo sacerdócio, e encheu-o de glória, para que exercesse o sacerdócio, fosse louvado seu nome e lhe oferecesse incenso digno dele, em odor de suavidade.

Reflexões

Os homens apostólicos, aqueles a quem a divina graça sugere em todas as situações da vida os meios de tornar-se mais e mais agradáveis ao Senhor, fixam sua imaginação no emprego que devem fazer dos bens que lhes confiou a Providência. Neste emprego encontra-se ou um manancial de merecimentos para a vida eterna, ou uma ocasião de perder-se para sempre a bem-aventurança. São Rosendo, rico, poderoso, de estirpe real, dotado pelo céu não somente das prendas da honra, mas dos bens de fortuna, que uso faz deles? Julga acaso que lhe foram confiados para que os invista segundo seu humor ou seu capricho? Para esbanjá-los como presas destinadas à satisfação dos vãos apetites, ou como meios de saciar os desejos carnais e mundanos? Para que os invista naqueles instrumentos com que se manifestou a pompa do mundo e a soberba do coração? Os homens dados à vaidade pensam assim. Os que fixam seus pensamentos nas coisas da terra raras vezes acertam a levantá-los da mesma terra; e assim, de ordinário, destinam ao luxo, à ostentação vã, à soberba, ou, por melhor dizer, a uma sombra e aparência inútil e passageira, aqueles bens que o céu pôs em suas mãos para muito diversos fins, e que, bem empregados, seriam sua redenção, assim como, dissipados criminosamente, são os materiais de que se fabrica sua ruína.

Por via de regra atende-se pouco à reta aplicação que se deve fazer do dinheiro; basta qualquer necessidade, ou verdadeira ou suposta, para dá-lo por bem gasto. O nascimento, a criação, o mau exemplo são as mais das vezes as raízes de onde nascem as más aplicações. Tudo julga lícito quem cegamente se persuade de que tudo o que Deus lhe deu, deu-lho para seu recreio. Mas de um erro tão crasso, que consequências não é preciso que se deduzam tão prejudiciais e errôneas! Não pensemos por ora no destino sagrado do dinheiro que se faz com a esmola: esta é uma obrigação tão óbvia e tão de primeira ordem que necessita de poucas reflexões. Estendamos nossa imaginação a infinitos outros empregos; e, melhor ainda, recolhamo-la a pensar com seriedade naquele que, depois da esmola, levou com preferência as atenções de São Rosendo.

Os edifícios materiais dos templos, a ereção de mosteiros, a subsistência diária dos ministros do altar, a compostura, decência e ornato daqueles lugares destinados particularmente para habitações do Senhor; vede aí os objetos em que a mãos cheias investia São Rosendo os bens de fortuna. Fazes tu o mesmo? São conformes tuas ideias a suas obras neste ponto? Olhas com preferência o ornato do templo de Deus ao ornato de uma carne fedorenta e que em breve será manjar de vermes? Ou talvez, em lugar de advogar pelas distribuições que se fazem a Deus em seus templos e em seus ministros, não murmuras em segredo das esmolas que lhes destina a piedade? Responda tua consciência; e, se o exemplo de São Rosendo não bastar para argüir de infiéis tuas cavilações, persuado-me de que não serás tão teimoso, ou, por melhor dizer, tão ímpio, que te atrevas a resistir ao que um Davi ordena, ao que um Salomão executa e ao que Deus aprova, estima e santifica. Pois, agora bem: os exemplos dos santos para todos se fizeram; com singularidade para ti, que leste e refletiste sobre a vida do santo deste dia. Se o não seguir a Deus, como quer que seja, é uma infidelidade execrável, voltar-lhe as costas quando te chama com um exemplo tão claro, não será, mais que infidelidade, uma horrorosa protérvia?

Evangelho

O evangelho é do capítulo 12 de São Lucas.

Lucas 12,35-40

> **Latim:** 35 Sint lumbi vestri præcincti, et lucernæ ardentes in manibus vestris, 36 et vos similes hominibus exspectantibus dominum suum quando revertatur a nuptiis : ut, cum venerit et pulsaverit, confestim aperiant ei. 37 Beati servi illi quos, cum venerit dominus, invenerit vigilantes : amen dico vobis, quod præcinget se, et faciet illos discumbere, et transiens ministrabit illis. 38 Et si venerit in secunda vigilia, et si in tertia vigilia venerit, et ita invenerit, beati sunt servi illi. 39 Hoc autem scitote, quoniam si sciret paterfamilias, qua hora fur veniret, vigilaret utique, et non sineret perfodi domum suam. 40 Et vos estote parati : quia qua hora non putatis, Filius hominis veniet.

Português: 35 Estejão cingidos os vossos lom- bos, e nas vossas mãos tóchas ac- cesas; 36 e sede vós-outros semelhantes aos homens, que esperão a seu senhor, ao voltar das vodas: para que, quando vier, a bater á porta, logo lha abrão. 37 Bemaventurados aquellos servos, a quem o senhor achar vigiando, quando vier: na verdade vos digo, que elle se cingirá, e os fará sentar á meza, e passando por entr'elles, os servirá. 38 E se vier na segunda vigilia, e se vier na terceira vigilia, e assim os achar, bemaventurados são os taes servos. 39 Mas sabei isto, que se o pai de familia soubesse a hora em que viria o ladrão, vigiaria sem dúvida, e não deixaria minar a sua casa. 40 Vós-outros pois estai apercebi- dos: porque á hora, que não cuidais, virá o Filho do homem.

Meditação

Do emprego dos bens de fortuna

Primeiro ponto

Considera a grande misericórdia que Deus te fez em dar-te riquezas, com cujo bom uso te deu oportunidade de manifestar uma alma heroica e caritativa. Mas, ao mesmo tempo, adverte que são muitos os laços que te é preciso evitar para lograr este bom uso. Que de coisas não se canonizam com o nome de decência, que são verdadeiras transgressões do maior dos preceitos! Quantos gastos se chamam necessidades que realmente não são outra coisa que verdadeiras profusões! Este trocar os nomes às coisas, esta arte de disfarçá-las com mentidas aparências, é talvez o laço mais seguro com que o mundo caça as almas pouco cautas, para fazer delas sacrifícios ao ídolo da

carnalidade e da concupiscência. Mal se pode evitar um perigo que não se conhece; dificultosamente se desconfia daquele que se tem no conceito de um amigo seguro; e, uma vez que nossos inimigos possam fazer valer conosco a indústria de apresentar-nos o vício mascarado, lograrão ao menos que nos acostumemos a umas ações perigosas, que são de ordinário filhas de pecaminosos afetos.

É verdade que, para ser vicioso, não é necessário ser rico; assim como não é preciso possuir muitas riquezas para ter o mérito das esmolas vultosas. Deus, que é espírito, olha com mais atenção a nosso coração que a nossas mãos e se compraz mais de uma parte muito pequena de verdadeira vontade que do exterior que apresenta uma esmola volumosa. Contudo, os bens de fortuna te põem na estreiteza de haver de dar-lhes um giro que te concilie ou recompensa ou castigo. Deves olhar escrupulosamente se te engana o mundo quando os investes em suas necessidades, e crer firmemente que, depois destas considerações e avisos, é uma necedade confiar na desculpa da inadvertência ou da ignorância.

Repassa em espírito toda a tua vida; contempla a aplicação que nela tens feito dos bens que te destinou a Providência. Lembra-te de tantos pecados, de tantas ofensas de teu Deus em que consumiste grandes somas; traze à memória aquelas ocasiões em que comprabas uma diversão passageira, um empenho de teu capricho, com uma grande porção daquele ouro que teria sobrado para desterrar de muitas famílias honestas o pranto, a mendicância e a miséria que não puderam abrandar tuas entranhas. E é isto ser um servo fiel do Senhor? E é isto ter nas mãos as tochas acesas para esperar a teu Senhor quando voltar das bodas? É isso ser cristão? Poder-se-ia responder que sim, se pudesse gloriar-se de tão augusto nome o desgraçado que não observa o Evangelho.

Meu Deus, conheço meu errado caminho; conheço a ilusão com que o mundo me tem tido enganado. Já vejo no claro espelho da vida de teus servos que teus dons foram para mim o que as pérolas para os animais imundos. Em vez de fazer como eles uma escada para subir a teus eternos tabernáculos, preparei o suplício com que necessariamente deverei pagar meus excessos. Mas, Senhor, ainda estou em tempo de corresponder a tua graça e de doer-me de minha vida passada, de tal modo que possa tua misericórdia premiar-me a que me resta. Quando para este efeito me falte tudo e resista meu corrompido coração, sei que não podem faltar-me nem tua pronta e abundante misericórdia, nem a confiança que eu tenho nela.

Segundo ponto

Considera que, havendo Deus deixado em tua mão a aplicação dos bens de fortuna, proporcionou-te um comércio em que os ganhos são vultosos, e está em tua mão o verificá-los, sendo assim que, por outra parte, há perdas que são eternas e irreparáveis. Na suposição de viver colocado no trato do mundo, não há meio-termo: ou usar bem dos meios que Deus destinou à conservação de tua vida, ou fazer um criminoso abuso daquelas coisas que sua divina beneficência pôs debaixo de teus pés. Da mesma maneira, na suposição de haver de dar destino a estes bens, ou há de ser com ganhos grandes e eternos, ou com perdas eternas na duração e infinitas na estimação. E em quem consiste a eleição entre dois extremos tão distantes e tão contrários? Que dificuldades se oferecem

que superar para abraçar o mais proveitoso e favorável? Surpreende considerar que umas coisas de tanto momento e interesse não tenham nem maior dificuldade nem maior dependência que a resolução do arbítrio. Basta querer para fazer-te assequível tua felicidade eterna; e basta querer para fazer-te eternamente infeliz. A graça de Deus não falta de sua parte; quando haja falta, deverá ser tua.

Sendo isto assim, que é o que tens feito até agora para lograr as vantagens que Deus te proporcionou? Uma glória imensa, eterna, cheia de delícias, que nem o olho viu, nem o ouvido ouviu, nem cabe sua consideração no humano entendimento, uma felicidade infinitamente maior que teus desejos, que teus méritos e que tuas esperanças, tem sido o fim de tuas ações? Tens pretendido em tuas obras fazer uma lucrativa aquisição desta glória a custa de tua própria indústria e em troca de uns bens perecíveis? Oh, e como a confusão se apodera de teu semblante ao ver-te vivamente pintado naquele miserável retrato que faz do rico, no salmo 48, o Espírito divino! «Aquele que se gloria na cópia de suas riquezas negará a Deus o sacrifício; negará o preço de sua própria redenção; negar-se-á a dar de suas riquezas com que comprar a eterna felicidade de sua alma; e, ainda quando a morte dos sábios, que possuem bens menos corruptíveis, pudesse despertá-lo, ele, adormecido sobre seus tapetes dourados, nem sequer imaginará que é mortal, e virá à miséria de morrer como o jumento, deixando suas riquezas aos estranhos e aos dissipadores.»

A uma alma que não tenha fechado todas as entradas e portas à luz, bastarão estas conminações para tornar a si. Mas, se isto não basta, demos lugar ao menos a umas considerações mais superficiais, mais interessadas, mas não menos sólidas nem poderosas, para advertir o mau uso que se faz dos bens de fortuna. Que ganhos te renderam os que investiste no vestido lúcido, na casa magnífica e suntuosa, nos banquetes esplêndidos, nas diversões ruidosas de baile e de festim e, por último, nesse grande trem de família sem o qual te parece que não és nada no mundo? Que te hão de ter produzido! Empenhos, desgostos, inimizades, mexericos, queixas, dissabores, impaciências, invejas, emulações, dívidas, atrasos, rubores, enfermidades, doenças; e, o que é pior que tudo, ter atualmente a alma num estado que, submergida no mar de seus apetites, é forçoso que pereça se o mesmo Deus não te toma e te levanta com sua mão.

Assim é, doce Jesus meu; e assim, como teu santo apóstolo, clamarei com as maiores veras de meu coração: Salvai-me, Senhor; amparai-me, Senhor, pois, se não me amparais misericordiosamente, eu pereço.

Jaculatórias

> *Deus noster refugium, et virtus: adjutor in tribulationibus, quæ invenerunt nos nimis.* Sl 45.

O Senhor é nosso refúgio e nossa virtude; é quem pode ajudar-me e dar-me socorro nas grandes tribulações em que está submergido meu espírito.

> *Et ego ad te, Domine, clamavi: et mane oratio mea præveniet te.* Sl 87.

Mas eu, Senhor, já clamei a vossa piedade; e de hoje em diante prevenirei vossa justiça com minhas orações, com minhas boas obras e com vossa mesma graça.

Propósitos

1. Do bom uso dos bens que Deus te deu depende tua salvação eterna, assim como de seu abuso se segue tua condenação. Isto suposto, aqui não se trata de um assunto indiferente ou em que se possa dar largas. O mal gasto usurpou-se de certa maneira; e, quando menos, somos responsáveis ao mesmo Deus, que se reservou o direito de tomar-nos contas do que nos deu. Esta conta não sabemos quando nem como será. É certo que o Senhor tem dito em seu Evangelho que sua vinda será imprevista, que virá à maneira de um ladrão, furtivamente e sem que o sintam.

2. Deves, pois, regular de agora em diante teus gastos e tua conduta; deves cercear a família, corrigir os abusos que se introduziram em tua casa, no porte de tua mulher e de teus filhos, pelo canal da moda e por tua criminosa condescendência. É muito que um convite possa ser moderado e cristão. A embriaguez e a gula têm muitos padrinhos, e elas mesmas sabem formar seus advogados. Estes vícios, uma vez introduzidos, dificultosamente deixam de chegar ao ponto mais subido de excesso. E as faltas que em outra ocasião não seriam mais que veniais passarão a ser graves nesta, pelos perigos a que te expões nos festins e comilonas. Estes fazem declinar em delitos as coisas mais indiferentes.

3. Mas tens uma grande renda: em que a hás de investir? Pois quê, não tem Deus templos? Estão bem providas, acaso, as igrejas? Não há povoados onde, por causa da pobreza, se diz missa com uma luz só? Não há lugares em que é necessário quase contrair uma enfermidade para cumprir com o primeiro preceito da Igreja? Isto só, ainda que não houvesse pobres, hospícios nem hospitais, basta para dar justo destino a tuas rendas.

[^1]: O texto de Santa Eudócia está interrompido neste ponto na digitalização do original: a página seguinte saiu cortada e dela só restam fragmentos de linhas. Tentou-se reconstituir o sentido apenas com o que ainda é legível, e as lacunas vão assinaladas por reticências entre colchetes. Pelo contexto, narra-se aqui que um monge chamado Germano, que vinha de longe, foi hospedar-se em Heliópolis, perto da casa de Eudócia, e que ela, ao ouvir de noite uma leitura sobre os castigos do inferno, mandou chamá-lo ao amanhecer. [^2]: O texto do OCR termina com a indicação "4.", provavelmente a referência ao capítulo 4 da epístola. [^3]: Jr 5.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:45:31 by Admin
Updated 20 November 2026 20:45:31 by Admin